

O ESPAÇO DE APROPRIAÇÃO DA IDENTIDADE AFROBRASILEIRA NO SERTÃO PARAIBANO

Alba Cleide Calado Wanderley¹

Este artigo procura compreender as Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano como espaço de construção e apropriação da identidade afrobrasileira. Para tanto, utilizamos a pesquisa do tipo etnográfica que trabalha com a cultura por meio da oralidade no seu ambiente natural, permitindo que os sujeitos construam a História e a história de vida, nos espaços sociais e culturais, que se expressa por meio da fala como exteriorização natural da memória.

Ao serem expropriados de seus lugares de origem, transportados em condições precárias na travessia pelo Atlântico e distribuídos nas senzalas e nas casas grandes, em que passavam a trabalhar como escravos, os negros viveram processos de mudanças das estruturas sociais que davam as bases de sua inserção em outro espaço, tendo que encontrar novos termos de convivência e de apreensão da realidade ao seu redor. Nesse novo espaço, afloravam formas de convivência, afinidades e inimizades, laços de origens eram tecidos, e outros, entrelaçados. Portanto, este estudo pretende compreender as Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano (Santa Luzia e Pombal) como espaços de apropriação da identidade afrobrasileira.

A diáspora imposta pelo tráfico negreiro possibilitou que os negros criassem as Irmandades do Rosário como espaços de encontros, de socialização, de troca de experiências, de criação de saberes e de construção de identidades afrobrasileiras, cuja construção é parte do processo de constituição das Irmandades do Rosário no terceiro espaço criado pelo afrobrasileiro para expressar sua cultura e produzi-la através de outro contexto e espaço, se não mais o africano. Esse é um espaço de preservação de tradições, de recriação de laços comunitários estilhaçados pelo tráfico e pela escravidão, de organização de novas formas de sobrevivência, de construção de identidades. As Irmandades do Rosário permitiram a inserção dos afrobrasileiros no Brasil, mesmo que ainda sobreviva a herança estigmatizada da escravidão.

¹ UFPB/UEPB - amoroma44@hotmail.com

¹ Este artigo é parte da Tese de Doutorado (PPGE), financiada pela CAPES. Intitulada: **A construção da identidade afrobrasileira nos espaços das irmandades do rosário do sertão paraibano**. UFPB, 2009.

Ao criar as Irmandades do Rosário no Brasil, por meio da diáspora, da escravização e do contato com um novo espaço, os negros evocavam tradições que não eram exatamente iguais às de seus ancestrais, que a eles remetiam. O amparo na memória africana não significava a reprodução exata de padrões culturais anteriores, mas a recriação de uma africanidade no Brasil. Assim, as Irmandades do Rosário eram meios de integração dos negros na sociedade, um lugar onde podiam se reunir e se divertir; espaço físico e político, como centros de resistência cultural, de formação de lideranças, como base de sua resistência e de sua defesa contra a escravidão. Assim, os espaços que hoje ocupam as Irmandades do Rosário devem ser entendidos como uma conquista dos negros, e não, como concessão da Igreja Católica dos brancos.

Para manter as “boas aparências”, a Igreja permitiu a oficialização da Irmandade do Rosário; por outro lado, os negros dessa Irmandade demonstraram historicamente e, nesta pesquisa que, através das práticas culturais de matriz africana, eles tentaram superar a condição “escrava” que foi desenhada pela sociedade. As Irmandades do Rosário de Pombal-PB e de Santa Luzia-PB são exemplos, que instituem um jogo de equilíbrio entre uma cultura “soberana e uma subalterna”, afirmando-se enquanto cultura, conquistando um espaço que teria sido doado de forma aparente. Em nossa visão, além das crenças religiosas que, para os negros, impulsionaram a sua cultura a se afirmar e a resistir, estão implícitas as teias que nortearam a solidariedade entre eles. Isso significa que os processos de aprendizagem no interior do grupo garantiam que os saberes, enquanto experiência vivida pelos afrobrasileiros da Irmandade do Rosário, não deveriam ser extintos.

Mas quais são os elementos que contribuem para que os afrobrasileiros construam sua identidade nesse espaço conquistado? Os elementos primordiais desse processo de formação identitária são a constituição dos saberes tecidos no interior dos grupos e a formação escolar, que contribuem para manter, criar e recriar a sua identidade. Para a construção dos saberes dentro do grupo, é necessária a participação das pessoas no processo educativo. Esses saberes não são sinônimos de transferência de conhecimento, mas um ato dinâmico e permanente do processo de descoberta e de conhecimento da realidade. Os afrobrasileiros, como sujeitos integrantes e participantes dos espaços das Irmandades do Rosário do sertão paraibano, constroem saberes com base na realidade em que vivem, mantêm valores africanos, mas descobrem e processam conjuntamente outros saberes.

Para Brandão (1995), a educação popular, próxima de qualquer outra boa pedagogia, por desejar que o outro aprenda, desde as suas origens, submete a ideia rotineira de aprendizagem à de conscientização e declara que o processo de coproduzir o saber, com base na lógica da própria cultura, é pedagogicamente mais importante do que o seu produto. Não importa o que as pessoas sabem, mas como vivem a experiência coletiva de produzir o que sabem e aquilo em que elas se transformam ao experimentar o poder de criar tal experiência da qual o saber é um produto. A esse respeito, enfoca Brandão:

O próprio trabalho pedagógico conscientizador deve partir da ideia de que, individual e coletivamente, o verdadeiro conhecimento não é uma aquisição de um outro, mas uma construção com outros, a partir do diálogo fundado sobre as matrizes e representações da experiência vivida por cada sujeito, em cada cultura (BRANDÃO, 1995, p. 41).

O processo de construção de saberes, no interior do grupo, deve levar em consideração o envolvimento dos participantes. Segundo Brandão (1995), quando os educandos se envolvem no processo de coprodução do saber, aparecem descobertas que servem para a reflexão e a ação desse saber. Assim, a escola também deveria considerar os saberes considerando a realidade do educando.

A dimensão educativa destacada nas Irmandades do Rosário está ligada à realidade. Trata-se de um tipo de educação que busca a afirmação daquele que se educa com o grupo ou do próprio grupo. A educação que se constitui na Irmandade do Rosário está fora de qualquer dimensão ideal, sendo, portanto, um produto do ambiente, que possibilita a dimensão de universalidade, exigida por qualquer processo educativo. Nesse mesmo sentido, Freire (1980) demonstra que os homens, enquanto “seres-em-situações”, encontram-se submersos em condições espaço-temporais que influem neles e nas quais eles igualmente influem.

Assim, através das relações construídas no interior das Irmandades do Rosário, os afrobrasileiros chegam a ser sujeitos, pois o homem passa a ser sujeito quando reflete sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto. A educação, no espaço das Irmandades do Rosário, gera a afirmação do afrobrasileiro como um sujeito integrado na sua realidade. Enquanto se afirma, tanto como indivíduo quanto em grupo, ele procura, paulatinamente, reivindicar os seus direitos.

A luta pela igualdade de direitos dos negros é histórica. Como aponta nossa protagonista Laura Maria, seria através da união dos negros, da ajuda mútua e da luta que conseguiríamos reconfigurar esse quadro de injustiças. Assim, é necessário que os afrobrasileiros se apropriem da sua história e dos seus espaços que, até o momento, são negados a eles.

Se a gente não aceitar esse desafio [...] a gente tem que ajudar a quem esta precisando, ter coragem de ajudá-lo, né, então, eu sempre me empenho nessa parte de fazer projetos lutando para conseguir algo para eles, porque lutando para conseguiu algo para eles, porque realmente eles precisam, ocupar o espaço que tem para eles, e é lutando que se tem, se a gente cruzar os braços, porque um dos quilombos mais resistentes e teimosos foi o de Zumbi, ainda existe uma resistência muito grande em nosso país (LAURA MARIA, Irmandade do Rosário de Santa Luzia-PB, 2008)

A fala acima deixa claro que essa luta tem que ser liderada por militantes afrobrasileiros, não para se fazer uma revolução, mas para se apropriarem do espaço negado, o espaço brasileiro. Com isso, a apropriação² do espaço das Irmandades do sertão paraibano seria um dos primeiros passos dessa diretriz.

Percebemos, ainda, que o discurso da nossa protagonista apresenta o conceito de apropriação relativo à “luta”, lutar para tomar posse do que lhes foi/é negado. Esse conceito de apropriação, como luta, também é descrito por Geraldo (Irmandade do Rosário de Pombal-PB, 2008):

Mesmo com o sofrimento de mais de cento e dez anos, queremos continuar lutando, para que todos possam ficar no grupo, com o amor ao grupo, valorizando, tendo consciência do que estar fazendo, não fazendo só por fazer, mas a essência do que está fazendo é o que é importante (GERALDO)

Essa visão, além de conceber a apropriação como luta, traz à tona que essa luta deve ser em grupo, e que todos possam compreender o seu sentido e se organizar em grupo. Com isso, entendemos que, através da luta e da apropriação do que lhes foi negado, os afrobrasileiros estão afirmando suas identidades e se tornando cada vez mais conscientes de que é preciso organizar-se em grupo para tecer a luta pela igualdade de direitos. Essas falas nos fazem concluir que as histórias de vida desses protagonistas são marcadas por lutas e resistências e, talvez por esse motivo, tenham formulado essa concepção de apropriação, que está relacionada ao domínio dos significados dos

espaços da Irmandade, que nasce de um saber histórico mediatizado socialmente; não está ligada à posse material, mas à luta pela manutenção do grupo. “E quanto mais tempo vai passando, a coisa vai ficando mais forte, evoluindo, a gente vai vendo que é o nosso canto. E tem a responsabilidade de passar para os demais” (FRANCISCO, Irmandade do Rosário de Santa Luzia-PB, 2008). Ao tornar como seu, o espaço da Irmandade - “nosso canto” - Francisco evidencia os fatores essenciais que se estabelecem no processo de apropriação. Os aspectos ligados à afetividade (amor pelo lugar), às relações (de solidariedade entre os membros, do respeito pela cultura, do vínculo familiar) e ao simbólico (nas formas e significados construídos) enraízam as pessoas no processo de apropriação dos lugares. Percebemos ainda que, ao mesmo tempo em que Francisco se apropria do espaço da Irmandade do Rosário, mais ele se apropria de si mesmo. Assim, há uma transformação do espaço, que permite a manifestação da identidade para evidenciar os valores, as referências e os afetos.

O conceito de apropriação, concebido por Geraldo, apresenta uma preocupação com a formação política dos membros da Irmandade. Nesse caso, a construção da identidade cultural é embasada numa política de autonomia. Nessa perspectiva, a identidade afrobrasileira também é política:

A gente tá buscando uma conscientização, uma militância, uma autonomia maior do grupo. Uma politização do grupo. É tanto que a gente essa elaborando projetos juntos a outros órgãos, lutando para não deixar o grupo morrer e para melhorar a sua organização, estrutura e participação. Estamos tentando nos capacitar para elaborar os projetos, pois o Estado e os outros órgãos querem um modelo de projeto bem estruturado, com o objetivo de desenvolver trabalhos melhores tanto com as crianças como com os adultos... É isso, é um desafio para nós. Agora, o que essa existindo dentro do grupo, é uma preocupação dos membros, para que as pessoas não usem o grupo para ter um domínio, uma política, que às vezes usa para ganhar prestígio, e a gente se preocupa com isso, para que os políticos não usem o grupo, até mesmo para que o grupo não vá se descaracterizando com interesses de terceiros (GERALDO)

A preocupação de Geraldo, além de trabalhar a formação cultural da criança, é de criar condições para que o grupo se autoafirme, ganhe autonomia, através de militantes mais politizados e defensores de suas causas. Para Freire (1998), isso exige um reconhecimento e a assunção da identidade cultural dos educandos. Essa conscientização política só é construída através do diálogo, e a relação cultivada entre velhos e jovens, nos espaços das Irmandades do Rosário, é de fundamental importância.

Mas, para isso, Freire (1980) afirma que não é possível a existência de uma metodologia orientada pelo diálogo se não existir o ato de amar. Concordamos com esse ele (1980), quando refere que o ato de ensinar deve ser o próprio ato de amar, conduzido pelo que é mais comum entre todos os seres: a comunicação, que é constituinte da pluralidade de ideias e o caminho para a concretização de objetivos. Isso significa dizer que a comunicação, como diálogo e como elemento educativo, é o próprio exercício da educação.

Essa necessidade de conscientização é também reforçada pelo Estatuto da Irmandade do Rosário de Santa Luzia-PB, que tem por “finalidade principal apoiar, incentivar e criar atividades que visem à identidade e à conscientização do povo negro, preservando seus valores na história”. Assim, esse estatuto enuncia que a identidade é uma construção advinda da herança histórica africana. Essa “conscientização” é importante no processo de construção, pois os afrobrasileiros têm necessidade de saber por que estão participando da Irmandade e de perceber conscientemente que precisam reunir-se em grupo. Assim, não é qualquer identidade que está sendo construída, é uma identidade consciente, política. Ao indagarmos Francisco se os membros da Irmandade do Rosário de Santa Luzia-PB sabiam por que estavam participando do grupo, ele aponta a existência de um processo de conscientização na afirmação identitária.

Bem hoje, eu posso dizer a você que sim, se há uns dez anos atrás uns vinte por cento sabiam do que estava fazendo na Irmandade, hoje eu posso afirmar que uns oitenta por cento sabem o que é, e como eu vinha dizendo, vai passando e mais pessoas vão chegando, também, já é o segundo mandato de Ana Maria e ela prova competência, ela tem a responsabilidade não só de manter, mais de dizer Alba, justamente, tudo o que significa, porque a gente essa aqui porque a gente faz a festa do rosário, porque tem isso e porque tem aquilo, porque tem o rei e a rainha, porque tem aquela batucada, a batucada, a banda cabaçal (FRANCISCO).

Na fala acima, observamos o surgimento de uma construção de sentidos na Irmandade ao participar de forma consciente, pois, ao saber o motivo pelo qual participa da Irmandade, os membros passam a construir um sentimento de pertença e a criar vínculos entre os outros do grupo. Com isso, entendemos que, para apropriação cultural e afirmação identitária, os membros da Irmandade devem desenvolver um sentimento de pertença ao grupo, conscientemente. Isso é fundamental para que os afrobrasileiros, integrantes das Irmandades do Rosário do sertão paraibano, no processo de afirmação

da sua identidade, consolidem suas matrizes africanas. Segundo Bandeira (1988, p. 141 e 142),

A comunidade de preto, para a garantia de sua sobrevivência e reprodução, fundava-se sobre uma ordem igualitária, tendo como instrumento de garantia de sua manutenção a cooperação e a reciprocidade. Uma família de pretos precisava contar com outra, para que todos pudessem subsistir. Todas juntas contavam igualmente com a terra, como garantia comunitária de meio de vida. A etnização do território, de dentro para fora e de fora para dentro, viabilizou a constituição da comunidade. Como a etnia, o território também era comum.

Assim, nas concepções religiosas e artísticas dos afrobrasileiros das Irmandades do sertão paraibano, encontram-se as memórias e a identidade étnica do grupo. Os traços de sua origem africana estão presentes em todo o enredo de suas manifestações artísticas. A dança do Congo representa uma homenagem à Santa do Rosário. Nas falas e nos cantos dessa representação dramática, preservam-se palavras que identificam traços da cultura africana, trazendo também a memória da religião afro, que fica patente em muitos pontos dessa dança.

comecei a pesquisar e a descobrir que tinha uma história fundamentada, verdadeira, pois antes dizia que eram lendas, então eu passei a ter mais conhecimento e respeito, até mesmo por ser uma cultura afro, agente ver que o grupo fala muito, você ver que a letra da música tem tudo a ver com a cultura africana, angolana, a gente fala muito *messifi*, algumas palavras que tem a ver com o candomblé, com a umbanda, existe todo um misticismo, toda uma mistura de religiosidade, de espiritismo com a religião africana, então eu comecei a me interessar e que temos uma história bonita (GERALDO)

A partir da dança e do conhecimento da letra da música, nosso protagonista procurou dar sentido ao que antes entendia como lenda. Ao pesquisar e estudar sobre a história africana, sua concepção sobre a música, que deixou de ser lenda, mudou, para tornar-se história viva dos afrobrasileiros. Por essa razão, é importante, também, para a Irmandade, o poder da educação escolar, instruindo os membros sobre leituras e escritas para que possam ler o próprio mundo afrobrasileiro. As danças e as músicas, além de retratar as bênçãos, o poder e a glória da Santa do Rosário, expressam os momentos da história de vida e do cotidiano dos afrobrasileiros, e sua memória fica povoada dessas cantigas, que marcam suas vidas. Desse processo de conhecer e de dar sentido, os

afrobrasileiros se apropriam de suas histórias. Essa apropriação do passado e do presente produz um movimento histórico que transforma ambos: o passado, quando é interpretado e não esquecido; e o presente, quando se apresenta como uma realização possível de uma tradição traduzida que se mostra pertinente em sua busca e concretização.

O conjunto dessas manifestações corrobora com a formação da identidade afrobrasileira das Irmandades do Rosário, porquanto essas tradições culturais constituem um elemento importante na definição positiva da identidade negra desse povo, perpetuando a memória africana, suas crenças, traços e lutas. Ao se apropriar da cultura negra, os afrobrasileiros do sertão paraibano transformaram uma cultura resistente em uma cultura de resistência do grupo, que parece visar atingir objetivos sociais, culturais, educacionais e até mesmo econômicos e políticos, já que prezam pela ordem organizacional coletiva.

Portanto, a trama da rede de entendimento, nas comunidades de forte tradição oral, é fruto do diálogo tecido, pouco a pouco, ponto a ponto, pela fala. Assim, através da oralidade, vão se conhecendo, fazendo-se nos sucessivos encontros e desencontros das diferentes histórias que foram tecidas por essas vozes, o modo de vida e o conhecimento da cultura afrobrasileira nos espaços das Irmandades do Rosário. Nesse contexto, todos os afrobrasileiros, velhos e novos, acabam por viver juntos uma mesma história, que relacionam velhos e novos saberes.

A tradição oral, além de fortalecer relações entre pessoas e comunidades, cria uma rede de transmissão de tipos distintos de conhecimento e de modos de vida. Essa relação de aprendizagem informal e formal é importante na estruturação e consolidação da cultura do grupo. Entretanto, para essas Irmandades do Rosário, os conhecimentos veiculados pela tradição oral têm o mesmo peso e importância que os conhecimentos formais da escola. Isso é mais um forte indício para a escola considerar esses saberes, veiculados pela oralidade, em seu espaço, prática e discurso.

Dessa forma, a educação constituída nessas Irmandades colabora para a afirmação da identidade afrobrasileira e se revela contra a tentativa de imposição da cultura europeia. Esse tipo de educação se constitui por meio de saberes tecidos pela história, pela memória e pela cultura, integrando/formando sujeitos que possam se apropriar de suas identidades, o que acontece também pelo auxílio da educação escolar. Isso significa a afirmação da identidade dos negros, apropriando-se do que lhe pertence, do que é ser negro, ser africano, ser brasileiro, ser afrobrasileiro.

Assim, a identidade afrobrasileira, que é construída e afirmada nas Irmandades do Rosário do sertão paraibano, não se revela como uma concessão e determinação da Igreja Católica, mas como um processo de ensino e aprendizagem entre os mais velhos e os jovens, que trocam experiências, constroem saberes pautados na cultura de matriz africana, numa negociação entre as diferenciações e as identificações, a qual se processa por meio de um diálogo expressivo, em que sentidos e representações da história e da vida sociocultural dos afrobrasileiros são considerados.

Considerações

As falas dos protagonistas deste estudo apontam que os espaços das Irmandades do Rosário são um meio de manter viva a cultura de matriz africana, sob o disfarce dos símbolos católicos, pois essa estratégia não permite o acesso apenas aos cultos africanos, mas serve ainda como depósito de esperanças, sonhos e lutas de fortalecimento da identidade afrobrasileira. Nesse sentido, a Irmandade não é só uma “máscara” de práticas culturais diferentes; é espaço de luta, que colabora para que essas práticas culturais continuem existindo. Portanto, consideramos que os negros passam não só a reinterpretar os espaços e as celebrações festivas, como também, os próprios santos católicos, transpondo o ritual, os santos, as festas, os espaços e as celebrações cristãs para a cultura africana.

Os protagonistas deste estudo não se limitam a designar e a significar a sua relação com um mundo africano; constroem também sentidos novos. Por isso, a cultura afrobrasileira, aqui, é considerada como um sistema simbólico, oriundo da sua ancestralidade africana. Nesse sistema, a herança cultural desempenha funções de significação que estão na origem das elaborações dos sentidos do sujeito no mundo, ao expressar as diferentes maneiras de sua relação com uma outra realidade para além da ideia de África.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Os deuses do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência,** São Paulo: 34/Universidade Cândido Mendes; Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luis.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia.** São Paulo: Annablume, 2004.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **A construção da identidade afrobrasileira nos espaços das irmandades do rosário do sertão paraibano.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba), 2009.